

Do “armário” às lutas por (re)conhecimento:

uma análise antropológica das lesbianidades no Rio Grande do Norte

Josyanne Gomes Alencar¹

Resumo

Este artigo apresenta uma compilação de três histórias de vida, sobre experiências e situações vivenciadas por mulheres que se auto identificam como lésbicas, residentes na cidade do Natal – estado do Rio Grande do Norte. Este trabalho tem por objetivo compreender como a lesbianidade passa por um jogo entre ocultar e revelar as identidades sexuais de acordo com a dinâmica social em que se está envolvida. Desse modo, suas biografias são construídas e organizadas em confluência com os espaços de (homo)sociabilidades, pelos quais essas mulheres transitam cotidianamente. Ainda na esteira das produções acadêmicas sobre os regimes de visibilidade do “armário” como um espaço do campo semântico e teórico, na literatura sobre homossexualidade exponho uma breve reflexão acerca de como os estudos feministas e de gênero contribuíram significativamente para que essa discussão se tornasse possível. Dito isto, tento realizar uma espécie de diálogo entre movimento feminista e campo de pesquisa, no qual busquei mostrar como a relação no campo pesquisado deve complementar a produção teórica existente nessa área, pleiteando lutas por (re)conhecimento de suas trajetórias sexuais e sociais.

Palavras-chave: Antropologia feminista; armário; lésbicas; (re)conhecimento.

Out of the “closet” to the fighting for (ac)knowledge:

an anthropological analysis of lesbianities in Rio Grande do Norte, Brazil

Abstract

This paper presents a compilation of three life stories about experiences and situations try out by women who identify themselves as lesbians living in the city of Natal – Rio Grande do Norte state. This work aims to understand how the social dynamics of lesbianity intermeddle in the lesbian womens' sexual identities. In this way, their biographies are constructed and organized in confluence with the spaces of (homo)sociabilities, by which these women transit daily. Still about the visibility norms in academic production as a space of the semantic and theoretical field in the literature on homosexuality, I present a brief reflection on how feminist and gender studies contributed significantly to making this discussion possible. That said, I try to create a kind of dialogue between the feminist movement and the field of research, in wich I tried to show how the relationship in the field researched, should complement the theoretical production in this area, pleading for struggles for (ac)knowledge of their sexual trajectories and social policies.

Keywords: Feminist anthropology; closet; lesbians; (ac)knowledge.

¹ Graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Regional do Cariri – URCA e Mestre em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. alencarciso2012@bol.com.br.

Introdução

Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balance, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tempos, tudo miúdo recruzado.

Riobaldo, por Guimarães Rosa

O presente artigo faz parte de minha pesquisa de mestrado, que foi realizada na cidade do Natal-RN. Veremos como as experiências de vida, de três participantes da pesquisa, são conectadas com valores sociais e culturais, e acompanharemos como estas experiências estão relacionadas com acontecimentos ligados à sua expressão sexual. Observaremos também em que aspecto seus segredos revelados por meio de focos marcam suas lutas por (re)conhecimento. Procuraremos compreender de que modo são formuladas elaborações de estratégias pessoais e coletivas, para conviver com as tensões impostas por uma democracia heteronormativa (AMAT y MIRAVET, 2018) na qual, via de regra, pessoas heterossexuais possuem mais direitos e privilégios do que pessoas não heterossexuais.

Sendo assim, argumento como a construção de uma identidade lésbica passa pelo crivo da invisibilidade à *disizibilidade* (QUEIROZ, 1988), agregando sentido àquilo que merece ser mostrado e àquilo que merece ser dito. Veremos a partir de determinados eventos pontuais, narrados pelas próprias sujeitas da pesquisa, que é entre o que se diz e o que se vê, que expressar a orientação sexual em alguns contextos pode ser valorativo para minhas interlocutoras. Mas, que o mesmo se configura de outra maneira, para outras pessoas, que não compactuam dos mesmos códigos da esfera das homosociabilidades (ALONGE, 2012) em que elas estão inseridas.

O universo de pesquisa foi composto por uma rede de relações estabelecidas em Natal-RN, nos anos de 2017 e 2018. Ao longo de dois anos, interagi com um grupo de mulheres que se autodefinem como lésbicas, orientação sexual e política que também compartilho com minhas interlocutoras de pesquisa. A pesquisa que deu origem a esta comunicação abarcou um cenário de entrevistas em profundidade com cinco participantes, porém, para a compreensão do tema de um modo geral, me relacionei com um grupo bem mais amplo, que contava com cerca de 20 mulheres, entre amigas pessoais, amigas da militância, da universidade e da própria pesquisa de graduação e mestrado.

Para este artigo, selecionei as histórias de vida de três colaboradoras da minha pesquisa de mestrado. Joana, 33 anos, graduada em Administração e acadêmica de Pedagogia, mãe de uma garota de 13 anos, namorada de Sara há três anos, natalense e leonina². Sandra, 29 anos, mãe de dois meninos, um com 11 anos de idade, e outro com 8 anos, enfermeira, acadêmica de Farmácia, paulista, porém desde os 9 anos de idade reside em Natal-RN, sagitariana e namorada de Paula há aproximadamente um ano. Maria, 28 anos, graduada em Direito, mãe de um garoto de 4 anos de idade, solteira, capricorniana e natalense.

O “armário” no trabalho: como lidar com o dentro/fora nesse contexto?

A autora Eve Kosofsky Sedgwick (2007), em seu artigo *A epistemologia do armário*, apresenta o *armário* como categoria semântica e epistêmica, para investigar o movimento de ocultação versus revelação da identidade sexual. Para ilustrar bem essa oposição binominal que a autora denomina de par, ou pares, quando aciona outras categorias como público/privado, inocência/iniciação, natural/artificial, mesmo/diferente, saúde/doença entre outros, é possível falarmos também em outro par analítico – entrada e saída. Porém, cabe uma ressalva para este último par, a entrada e saída não funcionam aqui como oposição, mas como complementação na dinâmica do movimento de articulação e manutenção de suas aparições sociais. Sedgwick mobiliza ainda categorias homônimas quando faz alusão à palavra “armário”, acionando às correspondentes: mentira, verdade, segredo aberto, ou simplesmente “segredo”. Ratificando sobremaneira que mesmo num plano individual, no qual existam pessoas assumidamente gays e lésbicas, ainda assim, o armário é mantido em algum grau em termos de dependência econômica/financeira, afetiva, emocional, ou institucional.

Neste contexto da homossexualidade, o armário figura como regime de controle da sexualidade, ou melhor, enquanto algo que confere manutenção ao segredo, que seria “assumir-se”, diante de espaços fincados numa sociedade, que cultiva ideais da heterossexualidade. A epistemologia do armário, como defende Sedgwick, teve papel significativo na abrangência de uma cultura e identidade gay no século XX. Contudo, é preciso notar que existem riscos ao se

² Embora eu não tenha analisado a relação dos signos na minha dissertação, as interlocutoras do meu campo de pesquisa costumavam se identificar por eles, por isso registro-os em meu trabalho como mais um elemento de identificação.

advogar por uma centralidade desse armário. Como veremos adiante, numa entrevista que realizei com Sandra na faculdade onde ela estuda, esse *armário* nem sempre mantém suas portas totalmente abertas, desse modo, sair e entrar fazem parte de uma dinâmica que envolve negociações constantes³. Eu inicio a entrevista solicitando que ela me conte como funciona sua relação no trabalho com a interface da sexualidade/lesbianidade.

Sandra: Pronto! No ambiente do trabalho quando eu descobri né [a lesbianidade], quando eu me reconheci eu trabalhava numa empresa privada aqui em Natal. Na realidade, *como minha família já estava sabendo eu não tinha necessidade de esconder isso de ninguém* né, até porque minha namorada morava do lado do hospital. Então às vezes ela ia me deixar, ia me buscar, então as pessoas viam, porque entrava no carro aí *dava um selinho, como qualquer casal hétero faz* e isso gerou muito *bafafá* no hospital. *Fui chamada pela minha chefe na época, e ela pediu para que eu não ficasse comentando sobre isso, porque isso estava gerando muita fofoca e ela achava que esse assunto tinha que morrer.* Foi bem horrível! *A coisa tomou uma proporção gigante, porque as pessoas não sabem lidar com isso e depois de um tempo eu acabei sendo demitida da empresa, e perdi muitos amigos.* Perdi muitos amigos, tipo, tiveram pessoas que trabalhavam comigo há nove anos e pararam de falar comigo, me excluíram das redes sociais, e até hoje não falam mais. Eu até mandei mensagem perguntando o que tinha acontecido, mas tipo é isso, entendeu? São pessoas que são extremamente conservadoras, religiosas e não souberam lidar. Mas assim, eu acho que também, se não está do meu lado é porque não era pra estar. Mas foi bem difícil e isso pesou para minha demissão, porque eu já estava lá há nove anos, um ano antes eu pedi demissão e eles não aceitaram, cobriram o salário que a outra empresa tinha me oferecido para que eu ficasse, ou seja, eu não era qualquer funcionária. *Eu era uma funcionária importante para a empresa e depois que isso [orientação sexual] veio à tona, eu fui demitida.* Então eu acho que isso pesou demais na minha demissão, num hospital particular grande daqui. (SANDRA, 26 de maio de 2018, Natal).

Nota-se, neste relato de Sandra, que o armário não assume a mesma função em todos os casos. Uma vez tendo “saído do armário” no núcleo familiar e possuindo ao seu lado as pessoas que ela acreditaria que deveriam estar – em outro contexto – no trabalho, por exemplo, as portas uma vez abertas, não poderiam mais ser fechadas como se lá de dentro nada tivesse saído. O fato de *dar um selinho, como qualquer casal hétero faz* não foi lido do mesmo modo por sua chefe e suas colegas de trabalho. Aspecto que resultou na demissão do seu emprego, no qual ela havia pedido para sair um ano antes e obteve, inclusive, reajuste do seu salário para não migrar da equipe do trabalho. Sua exposição acarretou prejuízos no campo afetivo também, decorrendo em rupturas

³ A entrevista foi realizada poucos minutos antes de Sandra entrar em sala de aula, nos dirigimos para a biblioteca da faculdade onde ela cursa a graduação em farmácia, pois ela disse que lá seria melhor para eu gravar a nossa conversa.

nos laços de amizades nas redes sociais e, posteriormente, no convívio físico. Sandra considerou que seus desejos deveriam ter sido expressados e assim o fez por meio da demonstração de afeto em público, com a namorada. Antes do episódio da demissão, ela foi “alertada” de que deveria esconder sua orientação sexual sob pena de ser alvo de *fofoca*.

Na literatura antropológica, a *fofoca*, amplamente discutida enquanto categoria semântica de acusação *versus* punição, é teorizada por Claudia Fonseca (2004). Nesse trabalho, Fonseca definiu a fofoca como importante símbolo de controle e organização das práticas de prestígio e códigos sociais morais. Em outras palavras, a fofoca funcionava como mecanismo de enquadramento social antes do caráter de punição propriamente dito, status semelhante ao atribuído à chamada que Sandra sofreu no trabalho e se concretizou com a sua demissão.

Desse modo, a *fofoca* vai sendo usada em diversas realidades, com finalidades distintas, seja para informar aquilo que deve ser veiculado como forma de notícia ou aquilo que deve *morrer* sob forma de punição – *demissão* – no caso, em evidência. O *bafafá* que foi gerado no hospital, aliado à perda de amigos, mais tarde sinalizou para a sentença que tinha “pesos e medidas” diferentes. Se por um lado, o ato de *não esconder de ninguém* poderia em algum grau representar a saída do “armário”, por outro, o movimento de se resguardar implica em realizar um deslocamento *insider*⁴.

O “armário” não pode ser lido apenas como uma caixa que aprisiona e gera tensão. Em muitos casos inventar um ambiente seguro, ainda que este ou aquele possa cercear o que se entende por liberdade, consiste em fabricar mecanismos de agenciamento. Como bem sugere o antropólogo Leandro de Oliveira (2011, p. 62), “as mesmas pessoas que aparentam ser muito ‘tolerantes’ com homossexuais na esfera privada, podem se incomodar bastante quando estes ‘aparecem’ socialmente”. O fato de Sandra ter sido rechaçada de seu emprego anterior a fez criar estratégias novas para seu emprego atual. Contudo, essa alternativa não a isenta de ter que se expor a dramas relacionados ao processo de *coming out* em outros contextos, dos quais ela pensara já ter superado em situações anteriores no âmbito familiar.

⁴ *Insider* – palavra que vem da língua inglesa e significa dentro. Na literatura antropológica, é lida como um movimento de se inserir numa rede de contatos, ou, no próprio compartilhamento de códigos em comum.

No meu trabalho atual [emprego], que é na prefeitura, algumas pessoas sabem [da sua orientação sexual]. *Não que eu me esconda, mas se algumas pessoas me perguntarem, eu digo.* Mas pelo que eu passei no outro hospital, eu tento me preservar um pouco sabe. Porque foi muito horrível assim, no outro hospital eu trabalhava no centro cirúrgico, então tinha que trocar de roupa, para entrar no centro cirúrgico – e as meninas pararam de se trocar na minha frente. *Era um vestiário gigante e elas pararam de trocar de roupa na minha frente, elas iam para dentro do box, coisa que nunca tinha sido feita.* Então para me preservar dessas coisas, até porque eu já tinha visto umas questões de preconceito com paciente onde eu trabalho atualmente, eu me preservo e conto para pessoas que eu realmente confio. Mas se eu for questionada eu digo, porque eu não tenho para quem me esconder né, até porque eu sou concursada e ninguém me tira dali. *Eu vejo mais por uma questão de tentar me preservar mesmo, de não passar pelo que eu passei no outro trabalho.* Ninguém se apresenta e fala “oi, eu sou hétero”. Só quem quer se (re)afirmar o tempo todo, que é uma coisa bem de homem. Mas assim, eu não senti necessidade de explicar isso pra todo mundo, prefiro me preservar, porque ali tem pessoas que já são de idade, que trabalham comigo. (SANDRA, 26 de maio de 2018, Natal).

O sentido de criar um lugar seguro dentro do “armário” provém não só da *questão de tentar me preservar mesmo*, mas funciona antes como um exercício de estar *dentro e fora* ao mesmo tempo. Em algumas situações onde o movimento de se resguardar quase sugere uma retomada ao “armário”, é possível observarmos que elementos de resistência estão sendo construídos. Na passagem “*não que eu me esconda, mas se algumas pessoas me perguntarem eu digo*”, esse ato de falar é algo pensado, escolhido, ou mesmo calculado. Se em situação anterior a resposta para a mesma pergunta foi dada sem nenhuma presunção e sem calcular as perdas e ganhos, o prejuízo mostrou, como diz um ditado popular, o que “vale a pena pagar para ver” e, sobretudo, aquilo que não vale. Pois, embora submetida a práticas discursivas talvez desagradáveis de suas colegas de trabalho, ela foi capaz de forjar dispositivos de entrecruzamento entre o que merecia ser tirado do armário e o que deveria ser guardado. Através de elementos não discursivos, como quando *elas iam para dentro do box, coisa que nunca tinha sido feita*, se enxerga a dubiedade de um armário aberto.

Se por um lado Sandra não enxerga problema em compartilhar com suas colegas de trabalho detalhes de sua vida pessoal e até mesmo íntima, como a orientação sexual, por outro lado, é através da atitude de *se preservar* que ela fabrica mecanismos de como enfrentar os desdobramentos de algo contado sem ressalvas anteriormente. Do mesmo modo, como suas colegas de trabalho usavam o *box* como estratégia de entrada e saída na hora da troca de roupas para preparação no atendimento do hospital, Sandra também agencia a forma de expressar

determinado assunto quando perguntada sobre ele. Ela desenvolve assim seus próprios meios de lidar com as diferentes interpretações do que poderíamos nos reportar como um “armário” entreaberto.

No trabalho de Arthur Leonardo Costa Novo (2015), o autor apresenta a experiência do armário como mecanismo de transformação, ao analisar os regimes de visibilidade de professores gays e professoras lésbicas, etnografado na cidade de Florianópolis. Na sua dissertação, casos de professoras lésbicas eram menos comentados no seu campo de pesquisa, por alunos/as ou mesmo colegas de trabalho, se comparado às suspeitas de professores que poderiam ter a orientação sexual apontada como gay. Todavia, quando se escutavam comentários sobre a orientação sexual de alguma professora, tratava-se logo de associar essa suposta homossexualidade ao seu par que, por sua vez, trata-se de outra professora que trabalhava na mesma escola. Com efeito, comentava-se sobre o casal e não sobre a pessoa em si, ao contrário dos casos dos professores gays que apareceram na sua pesquisa.

Podemos pensar a partir dessa pesquisa realizada com professores gays e professoras lésbicas, que é como se em alguma instância a lesbianidade não fosse legitimada enquanto orientação sexual por si mesma. O pedido da chefe de Sandra para ela ser mais discreta no trabalho sugere uma anulação da sua sexualidade, que em seguida virou motivo de fofocas e obteve reconhecimento prévio, através das caronas e trocas de afeto com sua namorada, ainda que em ambiente externo à área onde ela desempenhava suas funções profissionais. Ou seja, a lesbianidade de Sandra enquanto assunto restrito e individual poderia de algum modo ser ignorada e esquecida, mas a partir do momento em que ela passa a ser reconhecida numa relação, lhe é conferida visibilidade, seja esta positiva ou negativa.

Nesse sentido, usa-se a metáfora do armário como transformação de uma experiência, talvez ruim, para outra em que seja possível investir na discrição como estratégia de confiança, conforme salientada nas palavras de Sandra *“não que eu me esconda, mas se algumas pessoas me perguntarem, eu digo”*. Lembrando que transformação está atrelada ao deslocamento proporcionado pela vivência possibilitada de acordo com o contexto em que se está inserida/o, e não necessariamente ao movimento em direção a algum ganho pessoal ou coisa do gênero. Ou ainda *“eu vejo mais por uma questão de tentar me preservar mesmo, de não passar pelo que eu passei no outro trabalho”*, em alguma medida pode dialogar com o estudo realizado por Costa Novo (2015) no que diz

respeito ao seu quadro empírico de entrevistados, composto por 11 professores gays e 4 professoras lésbicas.

Alguns apontamentos sobre desvios no “Armário”

“Me intitulava lésbica, não era lésbica ainda, mas [deixava sua preferência sexual explícita] para não ter que ficar com homens”. Essa frase faz parte de um trecho da entrevista que realizei com Joana, numa tarde quente do mês de setembro do ano de 2017, no apartamento onde ela residia com sua filha. Ao escutá-la, pude imaginar o quanto sua identidade lésbica reconhecida hoje por ela foi se construindo processualmente entre desejos que esperavam sua culminância com a prática sexual e, ao mesmo tempo, carecia de linguagem que desse conta dos seus anseios para ser expressada e afirmada. Muito embora Joana tivesse tido experiências sexuais com outras mulheres, não se identificava como lésbica, pois havia se relacionado sexualmente com pessoas do mesmo sexo por intermédio de sítios de Swing, nos quais o objetivo, segundo ela, era *“se exibir para o homem. É só pra ficar, só pra dar uns beijos, só pra me exibir mesmo, porque é como se fosse meio exibicionismo né. Bem dizer era, eu visualizava como hétero entendeu?”*. Ao contrário do que se possa imaginar no senso comum, ser lésbica não diz respeito somente à prática sexual entre mulheres, como bem sugere Miriam Pillar Grossi (2018).

[...] ser lésbica é algo além das relações afetivossexuais entre mulheres. Até então, com exceção da Adrienne Rich, o pensamento lésbico compreendia a lesbianidade como sinônimo de relações afetivossexuais entre mulheres, fazendo um paralelo sobre as reflexões que se tinha sobre a homossexualidade masculina, que se caracterizaria pelo desejo homoerótico entre homens. Essa era a matriz teórica lésbica antes de Wittig, que nos traz, então, outro elemento: o que é importante não são as práticas sexuais entre mulheres que se autorreconhecem lésbicas, mas os encontros entre elas. O encontro afetivossexual entre mulheres é poderoso do ponto de vista político, porque justamente as mulheres, que não dependem afetiva e economicamente de homens na situação da conjugalidade heterossexual tradicional, se empoderam fora desse sistema patriarcal masculino. Isso é a grande questão hoje que faz muitas mulheres se autorreconhecerem publicamente como lésbicas. (GROSSI, 2018, p. 88).

À luz de Grossi (2018), podemos ver que a sexualidade feminina se delinea entre múltiplos códigos e linguagens, e como dito anteriormente, não diz respeito somente à prática sexual em si. Sendo assim, é compreensível que Joana não se considerasse lésbica, mesmo tendo tido experiências homoeróticas.

Como a própria literatura sobre lesbianidades sugere, o que se pode constatar é uma construção histórica em torno da categoria semântica e política – lésbica –, podendo até ser atribuída a um recorte de classe e performance de gênero. Como lemos em: Tânia Navarro-Swain (2000) e (2004), Jaqueline Muniz (1992), Andrea Lacombe (2005), Patrícia Lessa (2003), Aline da Silva Piason (2009) e Mariana Melo (2016), Lacombe (2005) verificou em sua pesquisa de campo que os termos “sapatão”, “sapatona”, “entendida” e “do babado” eram mais usados por mulheres de camadas populares, ao se reportarem a mulheres que tinham e mantinham relações afetivas e sexuais com outras mulheres. Enquanto a palavra lésbica estaria mais associada a mulheres de camadas médias e altas da sociedade, sobretudo ativistas, militantes, acadêmicas ou que dialogassem de algum modo entre si (HEILBORN, 2012) nesses segmentos sociais.

Atualmente, Joana se reconhece como lésbica, mas nem sempre foi assim. O processo de auto identificação tanto para ela como para outras interlocutoras, como veremos ao longo deste artigo, foram sendo construídos e modificados através do campo da linguagem e conforme sua inserção nos ambientes de militância, estudos e trabalho.

Joana cursa Pedagogia em uma faculdade da rede privada do Natal, mora com sua filha que, na época da pesquisa, estava com 13 anos de idade. Realizou estágio por um período de três meses num colégio particular. Em seguida trabalhou por quatro meses em outra escola, também da rede privada. O acolhimento na escola de ensino médio, onde ela realizou o estágio, possibilitava uma margem maior para se movimentar profissionalmente e assim se sentia à vontade para falar sobre diversos assuntos. Seu semblante de alegria ao me contar que trabalhava em um lugar onde não precisava se esconder (se reportando à orientação sexual) logo foi dando espaço para outra narrativa, sobre determinada experiência no ambiente de trabalho, que destoava um pouco da que me dissera anteriormente.

Sim, faz uns três meses que eu comecei a trabalhar. Saí do estágio [numa escola], lá eu me sentia bem em relação à minha sexualidade e vida pessoal, não que eu falasse para todo mundo, mas lá eu me sentia bem. Se alguém perguntasse [sobre relacionamento] eu responderia e ficava super tranquila. Tinham pessoas que seguiam meu Instagram e acabavam vendo fotos com minha namorada, essas coisas [se referindo ao número de postagens sobre assuntos relacionados ao público LGBT, que é veiculado em sua página pessoal dessa rede social] e ficava tudo tranquilo. Ou seja, percebi que tinham pessoas que sabiam mas que não se importavam. Lá no meu estágio, eu não sei se é porque eu “virei sapatão” né que eu já tenho assim... (pausa). Quando eu comecei a ler sobre coisas de feminismo, LGBT, gênero, sobre essas coisas, eu fiquei mais resistente. Meio que com aversão a coisas machistas dos homens, e eu percebi isso *lá no meu estágio que tinha um rapaz que ele sempre que vinha conversar comigo passava e me tocava. Pegava no meu braço, no meu corpo, e eu não gostava*, sendo que quando uma mulher me tocava eu não sentia... (não era nada de sexualidade, de tesão, essas coisas, mas eu não sentia medo) e com ele eu sentia medo de estar sendo assediada. *E podia ser por inocência [o toque do rapaz] mas oitenta por cento a gente sabe que não é por inocência*. Porque passa aí pega na cintura, sem necessidade nenhuma, e eu comecei a ser bem grossa e chata com ele, já pra ele se tocar, mas homem não se toca de nada na vida não. Aí depois eu pensei, meu Deus, será que é por que eu tô ficando exagerada? Mas é um novo jeito de ver, a percepção da gente vai mudando né, quando descobre e vai se reconstruindo. (JOANA, 15 de setembro, Natal).

Podemos nos questionar até que ponto a dubiedade de um “armário” aberto é algo que traz benefícios ou não para a pessoa que negocia sua sexualidade no ambiente do trabalho, família, escola, ou onde seja necessário. Nesse sentido, pode-se pensar no fato de Joana se sentir bem no ambiente de trabalho, ainda que *“não falasse para todo mundo, mas lá se sentia bem. Se alguém perguntasse [sobre sua sexualidade ou relacionamento], responderia e ficava super tranquila”*. Note-se aqui que não se trata do fato de expressar sua sexualidade através da fala ou não, mais que isso, é válido ressaltar que a imagem dela possa ser aceita socialmente por Joana ser magra, gostar de andar sempre arrumada, cabelos escovados, unhas feitas, roupas tidas como femininas, como vestidos, saias, bodies⁵, sapatilhas, acessórios como bolsa ao invés de mochila, colares, brincos etc.

Cabe ainda nos perguntarmos: será que o fato de Joana ter sido supostamente assediada por um rapaz teria alguma relação com sua imagem? Ou ainda, será que essa relação de “medo” de estar sendo assediada estaria ligada com sua leitura de mundo, orientada segundo ela, por questões sobre feminismo, LGBT e gênero? Ou, seria tão somente considerar que talvez sua

⁵ Bodies são peças de roupas que se assemelham a um maiô ou colam. No entanto, podem ser usados para ambientes de circulação livre, no dia a dia.

aparência correspondesse às expectativas de gênero que foram construídas culturalmente e socialmente para o gênero feminino? Sexualidade e gênero, embora possam ser associados no senso comum como sinônimo, não significam a mesma coisa. Fernanda Cardozo (2007, p. 246), em pesquisa realizada com travestis da cidade de Florianópolis-SC, nos diz que não podemos cristalizar os lugares de gêneros ao colar sexualidade e identidade de gênero.

Maria, outra colaboradora desta pesquisa, encontrou uma forma diferente de conviver com sua orientação sexual gerenciada, *a priori*, enquanto “bissexual”. Ela já havia tido contato com garotas numa fase que chamou de pré-adolescência, quando na ocasião se recorda de ter beijado colegas da escola “para experimentar”. Chegou a me contar que imaginava que seus pais haviam tomado conhecimento da situação, mas de nada interferiram, pois julgaram ser “brincadeira de criança”. Aos 17 anos, Maria arranhou sua primeira namorada, com as saídas de casa cada vez mais frequentes, não tardou para uma vizinha, que a flagrou na praia com sua namorada, confidenciar o que tinha visto à sua mãe. Maria relatou que o estresse com o qual se deparou ao chegar à casa dos seus pais, depois dessa surpresa, foi algo tenso e que a marcou por ter sido um constrangimento mútuo.

Após transcorridos os momentos de conflitos aos quais foi exposta, sem nenhum anúncio prévio, Maria decidiu sair de casa e ir morar com sua namorada. Perguntei por quanto tempo durou a relação das duas, nessa hora ela sorriu e respondeu cabisbaixa “seis meses”. Questiono se o período de duração teve alguma ligação com as tensões vivenciadas em casa, as quais ela havia me relatado anteriormente. Ela balançou a cabeça em gesto negativo e disse “*não, não, ela [a namorada] me traiu e eu não soube lidar com isso*”. Depois dessa desilusão amorosa enfrentada por Maria, mudanças aconteceram e entre saídas e retomadas à casa de seus progenitores ela retornou a morar com a sua família de origem.

Aí depois dela arranhei um namorado. Que deu muito certo, porque eu morava aqui [em Natal] e ele morava lá em São Paulo. Deu super certo, a gente passou quase três anos juntos, mal se via. Aí quando a gente ia morar na mesma cidade, eu terminei. Aí depois disso eu tive algumas namoradas, mas assim nada muito sério. Eu tive uma namorada, a gente se conheceu num posto de gasolina, e no mesmo dia a gente começou a namorar, quando foi com dois meses a gente tava pra comprar uma casa. Foi essa história, a gente queria juntar os panos de bunda e queria ficar juntas. Mas também não deu certo, compramos a casa no meu nome e ela decidiu terminar logo depois. Eu soube que ela se casou com uma mulher, eu soube recentemente. A casa tá lá, comprei. Minha casa, minha dívida, conhece? Eu ainda morei lá, minha vida é um mapa assim, uma viagem muito louca. (MARIA, 02 de outubro de 2018, Natal).

Este relato de Maria é particularmente emblemático, por trazer vários fragmentos de sua vida durante passagens significativas de seus processos em investidas amorosas. Primeiro, ela arranhou um namorado, que permitia negociar sua identidade, pois o relacionamento foi gestado num contexto que envolvia distância física. Com isso, Maria cumpria com aquilo que era socialmente esperado de uma garota, ou seja, um relacionamento heterossexual. Relacionamento este que dava carta branca para Maria paquerar e sair com outras garotas sem gerar suspeitas sobre sua sexualidade. Segundo, apesar de salientar que teve outras namoradas, se remete a essas experiências como algo de menor importância, chegando a denominar como algo “nada sério”. No entanto, vejamos que para finalizar, ela enfatiza uma história onde conheceu uma mulher num posto de gasolina, sem perder tempo, logo começaram a namorar e em menos de dois meses já estavam se organizando para comprar uma casa e morar juntas. O que não ocorreu de todo modo, após a namorada tê-la surpreendido com um término súbito do namoro, que por sinal havia acontecido de forma semelhante. No meio LGBT existe uma anedota que conta o que as lésbicas levam no segundo encontro: as malas, já para morarem juntas, enquanto os gays perguntam “mas que segundo encontro?”.

O interessante dessa narrativa é perceber como a noção de “armário” se constrói e se atualiza conforme as estratégias de articulações pessoais de cada indivíduo, porém não podemos esquecer que o modo como a esfera social interfere também fabrica significados distintos. “Contudo, ao contrário das experiências sexuais – vistas como assunto estritamente privado – as experiências amorosas são consideradas algo que pode e deve ser publicizado” (OLIVEIRA, 2013, p. 69) ainda que de modo intencional ou por mediação de terceiros.

Sandra, outra interlocutora, já chegou a contar que foi chamada de Sapatão nas redes sociais por pessoas que ela pensava que a respeitavam, após postar uma foto do seu “*novo visual de cabelo curto*”. Além de comentários tendenciosos na rede, recebeu também mensagens de tom acusatório via WhatsApp. Segundo Moore (2000), essas acusações podem acontecer devido ao/à acusador/a se sentir insatisfeito/a com o fato de sua idealização ser confrontada por meio de algo ou alguma atitude que fricção sua fantasia idealizada sobre alguma coisa ou alguém.

O fato intrigante sobre essas representações ou categorizações dominantes é que elas têm apenas relações tangenciais com os comportamentos, qualidades, atributos e autoimagens das mulheres e homens individuais. Discursos sobre gênero e categorias de gênero não são poderosos porque oferecem descrições acuradas de práticas e experiências sociais, mas porque, entre outras coisas, produzem homens e mulheres marcados por gênero, como pessoas que são definidas pela diferença. Essas formas de diferença são o resultado da operação da significação e do discurso, e quando postas em jogo fazem surgir os efeitos discursivos que produzem a própria diferença de gênero, assim como categorizações de gênero. (MOORE, 2000, p. 17).

O argumento central dessa discussão sobre supostos desvios é entender quais sentidos acerca do gênero são mobilizados socialmente para construirmos categorias como “mulher” e “homem”. Além disso, tais categorias e discursos participam da fabricação de sujeitos, em que é possível dizermos que existem representações daquilo que se cria como sendo feminino e masculino. Na verdade, o que existe enquanto representação de gênero ultrapassa a fronteira da produção de discursos da diferença, mas nem todo discurso de “mulher” e “homem” tem como premissa essas categorias que individualizam e formam unidades coletivas ao mesmo tempo. O ponto está em como esses discursos e representações fabricam fantasias de poder que de tão valorizadas e valoradas culturalmente, se transformam em fantasias de identidade.

Tensões e tessituras sociais no closet

Joana me disse que na escola onde estava estagiando, seus colegas de trabalho viram a tatuagem que ela tem no braço direito com o nome de sua filha, e disseram “*olha, se fosse uma tatuagem maior iriam pedir para você vir trabalhar com uma blusa de mangas compridas, mas como essa é pequena pode vir trabalhar com blusa de manga curta mesmo*”. Ela tem o nome da filha tatuado na horizontal na articulação entre o braço e antebraço esquerdo.

Quando nos encontramos, ficou nítido, pelo menos para mim, a ansiedade de Joana ao ter começado a trabalhar, sua avaliação precipitada sobre o funcionamento da escola ficou clara ao ressaltar: *tem que ficar bem quietinha*, até porque, segundo ela, ninguém se apresenta/apresentava dizendo que era heterossexual e assim ela também não precisaria falar que é lésbica. Um aspecto em especial que me chamou atenção foi o fato dela insistir em caracterizar a clientela da escola como sendo pessoas pertencentes à “família tradicional brasileira”, segmento que ela geralmente acionava nas nossas conversas para se reportar ao público que a escola prestava seus serviços.

Essa classificação da sua parte não me dizia exatamente sobre quem eram as pessoas que ela convivia no ambiente do estágio, embora inúmeras vezes Joana contou-me que as pessoas lá da escola eram bem fechadas, devido ao fato de serem ricas e por isso seriam mais conservadoras.

No entanto, se para ela que se considera classe média as pessoas que ela denominou como ricas seriam conservadoras e tradicionais, Joana também ofertava escola particular para sua filha e não me parecia que conservadorismo e tradição estivessem estritamente relacionados a dinheiro, nessa situação em especial. O que faria então ela considerar alguém como “tradicional” e “conservador” nesse contexto talvez fosse a orientação sexual não hegemônica publicizada, o que encontra algum sentido em sua própria colocação: “*a pessoa não pode ser rasgada demais, porque são todos [a clientela da escola] béteros, da família tradicional brasileira, filhos de políticos, médicos famosos, advogados esse povo assim, sabe?*”. A grosso modo, poderíamos nos perguntar “mas por que Joana se preocupa em ficar *quietinha*, se segundo ela, ninguém se apresenta pela sexualidade e me parece que esse seria justamente o ponto que a incomodaria?”. Outro questionamento possível seria indagar “por que classificar as pessoas como pertencentes à “família tradicional brasileira” implicaria numa suposta postura fechada?” e “o que o fato de pertencer a essa tal “família tradicional brasileira” implicaria em termos de interferência no desempenho da sua atuação no trabalho ou não?”. Em diálogo com Miskolci (2003), podemos encontrar pistas para tentarmos responder parte desses questionamentos provocados por minha interlocutora.

Na família burguesa, os pais e cônjuges tornaram-se agentes do dispositivo de sexualidade que se apoiava nos médicos, pedagogos e, posteriormente, nos psiquiatras. Entre 1760 e 1780 houve uma grande campanha contra a masturbação na França baseada no temor do incesto. A teoria do incesto foi essencial no processo de estabelecimento da família burguesa porque atribuía às crianças a culpa pelo desejo sexual. Nela, a criança deseja o pai ou a mãe, não o inverso. Além disso, o desejo dos filhos é afirmado como propriedade dos pais, o que os fazia aceitar sem maiores temores o progressivo distanciamento das crianças imposto pelo sistema educacional criado pelo Estado. Por fim, mas não por menos, a possibilidade do incesto tornou desejável a interferência de um médico, um especialista de fora da família. Isso abriria espaço para a aceitação da psiquiatria e, mais tarde, da psicanálise, como regulador familiar. É importante frisar que a preocupação com a sexualidade é burguesa, portanto de maior importância nas classes altas da sociedade. (MISKOLCI, 2003, p. 111).

No campo social, no qual esses discursos acerca do que compete ao papel social da escola ou ao papel da família são germinados historicamente e fomentam medidas de controle, não é de se estranhar que a sexualidade figure como dispositivo normativo. Sendo assim, a recorrência na fala de minha interlocutora ao se reportar à “família tradicional brasileira” como órgão que regula o que se pode caracterizar como comportamento socialmente permitido (“*quietinha*”) acena para o que inconscientemente Joana me fala o tempo todo sobre desvio e norma.

Como faz pouco tempo que estou trabalhando eu fico pisando em ovos, eu fico com medo. Mas se um dia alguém perguntar, eu falo, não estou nem aí. O menino que eu acompanho tem 17 anos [o estágio dela consiste em acompanhar um rapaz que é deficiente)], as crianças lá são crianças mimadas, “bolsominions” [alunha para quem segue as ideias do político Jair Bolsonaro]. Na reunião dos professores eu percebo que os professores também ficam com medo de falar algumas coisas, a sala que eu fico tem muitos filhos de políticos, alguns estão presos, é só a nata e isso reforça mais o medo da pessoa se expor. Me falaram que esse menino que eu acompanho, ele nunca falou nada, mas que ele quando tinha um coleguinha dele que é gay, ele não gosta e tem outro que é negro e ele não gosta dele, eu não sei se é verdade, só me falaram. *Ele já perguntou se eu era solteira e eu disse que era, porque eu não vou puxar conversa, falar da minha vida, se ele é de uma família tradicional, rica, e isso pode dar confusão pro meu lado.* (JOANA, 14 de junho de 2018, Natal).

Ela disse ter notado que o rapaz que ela acompanhou no estágio não gostava de pessoas negras e deduziu, a partir da discriminação racial dele, que ele também poderia implicar com o fato de sua orientação sexual (lésbica). Este mesmo rapaz, uma vez movido pela curiosidade de quem pretende se aproximar de uma pessoa nova no ambiente escolar, perguntou se ela tinha namorado – ao que Joana respondeu que não. Contudo, mesmo tendo oferecido uma resposta objetiva e talvez evasiva, ela demonstrou preocupação ao afirmar que não iria puxar conversa, falando de sua vida ou do que representaria para ela “uma família tradicional, rica”, com receio de confusões. Quando indagada por mim sobre o tipo de confusão que essa interação cuidadora/pedagoga e aluno poderia acarretar, Joana não soube me responder e logo desconversou, mudando de assunto.

Em outro relato com Joana, pude notar que o armário funciona como um lugar seguro, mas ao mesmo tempo incômodo, pois a “jaula” que aprisiona é a mesma que protege e, assim, é comum que ela se sinta segura no armário, ainda que não seja o lugar onde ela quisesse estar.

Eu comecei a estagiar recente. Eu curso Pedagogia, faço terceiro período numa universidade privada, e comecei a estagiar lá, faz um mês. Lá [na escola onde ela realizou o estágio] eu vi que tem uma pessoa lá, que trabalha lá que é professora de Biologia que eu sei que é “do babado”, que ela é casada com uma amiga de Sara [sua namorada]. *Sobre a minha sexualidade com o trabalho, é meio complicado, porque ao mesmo tempo que eu sou bem... me sinto bem livre, mas eu tenho receios quando eu estou num ambiente novo.* Ainda mais como estagiária, né? É uma escola privada dos ricos de Natal, da classe A e a gente fica com receio, assim que eu fui ser contratada a moça do RH [Recursos Humanos] já foi me perguntando em relação à tatuagem. Porque se fosse alguma muito grande teria que usar uma blusa assim [nesse momento ela segurou nos punhos, para indicar que a blusa deveria ser de mangas compridas]. É uma escola que tem muita cobrança. Alguns pais podem reclamar e a verdade é essa. Aí ela [a funcionária do RH] disse que a minha [tatuagem] não tinha problema, mas como se dissesse “não faça uma bem grande fechando o braço não, que não vai dá certo não”. E que se ela visse que estava incomodando algum pai, ou alguma coisa, me falava para eu ir com uma blusa maior. Aí eu já fiquei meia assim, eu disse “vixe Maria”, a pessoa tem que andar bem *enquadradazinha*. Percebi também que no dia que eu fui fazer a entrevista, chegou uma menina pra fazer a entrevista pra professor (sic) de inglês e ela tinha piercing [ela toca no septo para indicar que o piercing seria no nariz] ela foi contratada e depois disso ela não vem mais com piercing, tenho certeza que o RH também disse que ela teria que tirar. Pronto, aí eu já chego meia assim [ela tendia a fazer um movimento de retração, se encolhendo com os braços como se fosse abraçar a si mesma enquanto me contava essa história], então não posso ser rasgada demais. Aí pronto, eu fico numa sala com alguns coordenadores, todos héteros da família tradicional brasileira aí eu me coloco bem caladinha. [...] *De preferência eu prefiro não me expor nesse contexto, se fosse outro contexto eu acho que eu poderia, mas nesse fico receosa.* (JOANA, 14 de junho de 2018, Natal).

“No princípio das ações de afirmação da identidade, mesmo de identidades mais fluídas, temos o processo de aceitação de si e a “saída do armário”, algo como tornar público esta mesma identidade construída muitas vezes em meio à coerção e negação” (MELO, 2016, p. 81). O estar em um lugar desconhecido para Joana, por ora, indica uma espécie de estar “além” de algum contexto, onde talvez ela pudesse se controlar, resultando assim na coerção e negação da sua orientação sexual. É como se ela estivesse numa fronteira, quando diz que se sente bem *livre* com sua sexualidade, mas apresenta *receio* em um ambiente novo. Por um lado, ela prefere não se expor assumindo uma postura retroativa andando *enquadradazinha*. Por outro, é na afirmação “*não posso ser rasgada demais*” que ela encontra sentido no processo de aceitação de si e ressignifica suas lutas por (re)conhecimento como profissional.

Vimos na discussão que abordou as dinâmicas do “armário” como a geração é um fator que tensiona as relações em determinados contextos sociais, mas isso não significa que sair ou

entrar no closet seja uma experiência tranquila para nenhuma de minhas interlocutoras. Podemos depreender também que não existe uma receita de como sair do “armário” ou de como lidar com as sexualidades dissidentes após o momento em que se *aceita* e que divide esse sentimento com outras pessoas. Assim como não existe também uma bula de como proceder em relação à *aceitação* ou à ausência dela. O que existem são experiências pessoais específicas que se (re)constroem em meio a dilemas, clivagens, tensões, dualismos, oposições, confrontos, conflitos e coalizões.

Referências:

ALONGNE, Wagner. 2012. *Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos da autoafirmação identitária em blogs gays*. Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 1, n. 01.

AMAT, Andrea Francisco; MIRAVET, Lidón Moliner. 2018. *Abora me siento más fuerte. Estrategias de lesbianas y bisexuales para una vida vivible*. Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social, v. 18, n. 3, p. 2001.

CARDOZO, Fernanda. 2012. *Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC*.

FONSECA, Claudia. 2000. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HEILBORN, Maria Luiza. 2012. *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social*

LACOMBE, Andrea. 2005. *“Pra homem já tô eu”: Masculinidades e Socialização Lésbica Em Um Bar no Centro do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, PPGAS-MN, Rio de Janeiro.

LESSA, Patrícia. 2003. *O que a história não diz não existiu: a lesbianidade em suas interfaces com o feminismo e a história das mulheres*. Em tempo de histórias, n. 07.

MELO, Mariana Soares Pires. 2016. *Formas de Violência Contra Mulheres Lésbicas: um Estudo Sobre Percepções, Discursos e Práticas*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal da Paraíba.

MISKOLCI, Richard. 2003. *Reflexões sobre normalidade e desvio social*. Estudos de Sociologia, v. 7, n. 13.

MOORE, Henrietta L. 2000. *Fantasia de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência*. Cadernos Pagu, n. 14, p. 13-44.

MUNIZ, Jacqueline. 1992. *Mulher com mulher dá jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NAVARRO-SWAIN, Tania. 2000. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense.

_____. 2004. *O que a história não diz, nunca existiu? As amazonas brasileiras*. Caminhos da História, p. 29-48.

NOVO, Arthur Leonardo Costa. 2015. *O Armário na Escola: Regimes de Visibilidade de Professoras Lésbicas e Gays*. 205 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, Leandro de. 2011. *Diversidade Sexual, Gênero e Família: notas sobre o problema da superioridade moral da heterossexualidade*. In: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). (CONTRA) PONTOS: Ensaio de gênero, sexualidade e diversidade sexual. Campo Grande: ed. UFMS, P. 53-65.

_____. 2013. *Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: UFRJ.

PIASON, Aline da Silva *et al.* 2009. *Mulheres que amam mulheres: trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas*.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. 1988. *Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"*. In: VON SIMSON, Olga (org.) Experimentos com histórias de vida: Itália/Brasil. Enciclopédia aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. 2007. *A epistemologia do armário*. Cadernos Pagu, v. 28, n. 1, p. 19-54.